

Adolescentes do MST: Desconstruindo Outras Cercas

Adolescents in the MST: Deconstructing Other Fences

Rosângela Steffen Vieira

RESUMO

Este texto objetiva traçar algumas considerações sobre a discussão que estamos desenvolvendo na pesquisa de Mestrado em Educação (PPGE/CED/UFSC). Agrupamos esta discussão em torno de três eixos: na parte introdutória, apresentamos algumas considerações acerca do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com enfoque na constituição da(s) identidade(s) dos integrantes deste movimento social. Na segunda parte trazemos a discussão do(s) conceito(s) de adolescência e finalizamos tecendo considerações sobre o debate que nos propomos a fazer nesta pesquisa, que enfoca a tensão entre a vivência da afetividade e da militância em adolescentes do MST.

Palavras-Chave: Adolescência, Afetividade, Militância, Movimento Sem Terra.

ABSTRACT

The purpose of this text is to analyze the discussion underway in a research project being conducted in the Masters in Education program at PPGE/CED/UFSC. It involves three elements: in the introductory portion we provide some considerations about the Landless Peasant Movement (MST) with a focus on the constitution of the identities of members of this social movement. In the second portion we analyze the concept of adolescence. We conclude by offering some considerations about the debate that we intend to raise in the study concerning the tension between experiences of affection and militancy among adolescents of the MST.

Key Words: Adolescents, Affection, Militancy, Landless Peasants Movement .

Caminhante, não há caminho.
Faz-se o caminhar ao andar.
(Antônio Machado)

Este texto objetiva traçar algumas considerações sobre a pesquisa de Mestrado em Educação (PPGE/CED/UFSC), que está sendo desenvolvida na linha de pesquisa Educação e Movimentos Sociais, com o tema: *Afetividade e militância em adolescentes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*.

Agrupamos esta discussão em torno de três eixos: na primeira parte, introdutória, apresentamos algumas considerações acerca do movimento dos Trabalhadores Rurais Sem

terra, com enfoque na constituição da(s) identidade(s) dos integrantes do Movimento¹. Na segunda parte trazemos a discussão do(s) conceito(s) de adolescência e finalizamos tecendo considerações sobre o debate que nos propomos a fazer nesta pesquisa.

1 O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, ONDE CAMINHAMOS

Os princípios e corajosas ações do MST têm sido inspiração às pessoas comprometidas com a justiça e a liberdade no mundo todo por muitos anos. São excelentes feitos.
(Noam Chomsky)

Formalmente criado em 1985, fruto da luta pela terra, o MST atua hoje em 23 estados, envolvendo mais de 1,5 milhão de pessoas, com 300 mil famílias assentadas e 80 mil que ainda vivem em acampamentos, segundo dados do MST. Vários autores convergem no posicionamento segundo o qual este é um dos movimentos sociais de maior destaque na atualidade. Dentre esses se sobressai Bezerra Neto, ao afirmar que o MST "tem se constituído no mais importante movimento popular brasileiro, sendo muito possivelmente o grupamento de massa mais relevante deste final de século" (1999, p.12).

Os autores, contudo, têm tratado o MST, predominantemente², como um Movimento homogêneo no que diz respeito à sua constituição. Este aspecto sugere alguns temas de estudo como a composição social deste Movimento e sobre a própria idéia de homogeneidade, seus alcances e limites.

Referindo-se à composição do MST, Caldart afirma haver uma distinção entre sem-terra, que indica o sujeito desprovido de terra e Sem Terra, sujeito constituído nas lutas do MST e que "há identidades diversas que se combinam na formação desta identidade social mais ampla" (2000, p.26). Para Bogo, "Sem Terra deixa de ser categoria social para tornar-se nome próprio quando identifica um grupo social que decidiu ser sujeito para mudar de condição social através da organização política, forjando daí sua própria identidade, com ideologia e valores" (2000, p.22). Percebemos a ênfase dada à dimensão política na constituição dos sujeitos.

¹ Adotaremos esta grafia no decorrer do texto, tendo presente a perspectiva apontada por Caldart (2000), ao enfatizar que "toda vez que usar neste trabalho a palavra Movimento (com maiúscula), estarei me referindo ao MST mas também buscando chamar a atenção para a idéia mesma de movimento que está em sua identidade"(p.20).

² Falamos "predominantemente" uma vez que há pesquisas enfocando entre outros aspectos e categorias, a constituição do Movimento, escolarização, cooperativismo, religiosidade, gênero e infância no MST.

É sobre um grupo específico constitutivo desse universo de identidades - os **adolescentes** - que nos propomos a refletir. Optamos por esta temática por considerar este um dos grupos de menor visibilidade enquanto sujeito/objeto de análise tanto para a academia quanto para o próprio Movimento.

A inquietação que vem impulsionando nossas reflexões vem se constituindo como objeto de investigação ao longo do curso de graduação em pedagogia, particularmente durante a realização de estágios curriculares do curso e no desenvolvimento da pesquisa de Iniciação Científica³ em região de assentamentos do MST, no município de Fraiburgo/SC. Esta experiência possibilitou observar diversos momentos de tensão entre as dimensões da militância e da afetividade, entendendo tensão não como simples conflito mas como uma relação dialética entre elementos que se incluem e excluem simultaneamente. É exatamente sobre esse movimento dinâmico entre aproximação e distanciamento que lançamos nosso olhar.

2 A ADOLESCÊNCIA - PARA QUEM DIRIGIMOS NOSSO OLHAR NESTA CAMINHADA

Somos sempre, e em qualquer idade,
o resultado das múltiplas relações que estabelecemos
com os outros no mundo concreto.
(Carmem M. Craidy)

A (in)definição do termo adolescência é um dos objetos de nossa reflexão. Neste texto, buscamos apresentar algumas abordagens e discussões conceituais que o tema vem suscitando nos debates acadêmicos. O termo, conforme delimitação legal disposta no artigo 2º do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (1990), corresponde aos indivíduos na faixa etária entre 12 e 18 anos. Esta distinção legal, no entanto, não nos satisfaz enquanto definidora de adolescência.

Segundo dicionário, adolescência é “o período da vida humana entre a infância e a vida adulta”, sendo o adolescente aquele “que ainda não alcançou pleno desenvolvimento”. A adolescência é definida por sua indefinição – é um não-lugar. No entanto, acreditamos ser possível focalizar a existência de questões que caracterizam claramente aspectos, identidades

³ Pesquisa desenvolvida no período de agosto de 2000 a outubro de 2001, inserida no projeto integrado de pesquisa *Educação Intercultural e Movimentos Sociais: desafios e perspectivas da identidade e pluralidade étnica no Brasil* - AI/CNPq, desenvolvido pelo Núcleo MOVER - Educação Intercultural e Movimentos Sociais (CED/UFSC), e articulada com o projeto *Educação Intercultural e Movimentos Sociais: cidadania e reconhecimento identitário no Sul do Brasil*, no âmbito do Plano Sul de Pesquisa e Pós-Graduação - PSPPG/CNPq.

e culturas próprias da adolescência, como é feito com outras fases da vida, como é o caso da infância.

Da mesma forma que a concepção de infância vem se transformando em sua trajetória histórica, também a adolescência vem ganhando novos contornos, sendo que a modernidade é considerada um marco no desenvolvimento do conceito de adolescência⁴, embora a discussão conceitual sobre adolescência envolva diferentes e não consensuais perspectivas teóricas.

Grosso (2000) afirma que "a sociedade moderna é construída não apenas sobre as estruturas de classe ou pelas estratificações sociais que lhe são próprias, mas também sobre as faixas etárias e a cronologização do curso da vida" (p.12). Acrescenta que "a criação das instituições modernas do século XIX e XX - como a escola, o Estado, o direito, o mundo do trabalho industrial etc. - também se baseou no reconhecimento das faixas etárias e na institucionalização do curso da vida"(p.12).

A distinção entre os conceitos de adolescência e de juventude é outro importante debate. Alguns autores referem-se a estas denominações como correspondentes ao mesmo período etário, porém vistas de campos diferentes. Sendo assim, a adolescência seria uma categoria própria da psicologia, juventude da sociologia e poderíamos acrescentar a puberdade, no campo da medicina. Esta é, todavia, uma compreensão simplista do debate.

Segundo Grosso (2000), autor do campo da sociologia, "adolescência e juventude aparecem como fases sucessivas do desenvolvimento individual, a adolescência ainda próxima da infância, a juventude mais próxima da maturidade"(p.14). Sobre esta seqüência, cita o exemplo da análise de Marialice Foracchi⁵, ao situar a adolescência "restrita ao conflito de gerações entre indivíduos e grupos circunscritos de idades diferentes" e depois a juventude, quando "o conflito de gerações desloca-se para o plano da sociedade"(p.14).

José Machado Pais (1993), indica duas tendências da sociologia da juventude, uma que tende a homogeneização, "prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam esta fase da vida"⁶ e outra que enfatiza a heterogeneidade, onde "a juventude é tomada como um conjunto social necessariamente diversificado (...) constituído por jovens em diferentes situações sociais"(p.23).

Indica também duas correntes teóricas da sociologia da juventude: a corrente classista e a corrente geracional. A corrente geracional enfatiza a juventude enquanto fase de vida, colocando-se como principal questão a continuidade/descontinuidade dos valores

⁴ Para Ariés (1981), é a partir da modernidade que a questão da adolescência passa a ser discutida.

⁵ Sobre esta análise, Grosso indica a leitura de Foracchi, Marialice. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1972.

⁶ Manteremos a grafia original em português (Portugal), pela irmandade das línguas, traduzindo somente quando julgarmos necessário para o entendimento do texto.

intergeracionais a partir do quadro teórico da teoria da socialização⁷ e da teoria geracional⁸. Para ambas a continuidade/descontinuidade estaria na base da formação da juventude enquanto geração social, distinta de geração biológica e geração demográfica.

Para a corrente classista a categoria juventude é dominada por relações de classe e a transição da condição de jovem para a condição de adulto está sempre pautada por desigualdades sociais. Esta corrente tende a entender as culturas juvenis como produto de relações antagônicas de classe, como "culturas de resistência", entendendo seus rituais como resistência ao consenso dominante, à ideologia dominante, às classes dominantes⁹.

Para Pais os processos sociais que afetam os jovens não podem ser compreendidos somente como resultantes de determinações sociais e posicionamentos de classe; as trajetórias sociais também se moldariam em função da participação em diferentes sistemas de interação local. Ele buscará compreender a adolescência tramando estas duas correntes, centrando seu olhar sobre o cotidiano dos jovens. Enfatiza que "torna-se necessário que os jovens sejam estudados a partir de seus contextos vivenciais, quotidianos - porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e acção" (p.56).

Cladys (1999), acrescenta outros fatores na determinação do conceito de adolescência:

se a concepção de adolescência varia de uma época a outra, não é menos verdade que será diferenciada conforme o grupo social que o jovem pertence. Há mais tempo para "adolescer" entre os que vivem uma situação sócio-econômica que permite a descontração, o ócio e o lazer, vale dizer a vida menos responsável. Esse tempo será mais breve para aqueles que são precocemente jogados no mundo do trabalho e devem responder pela própria sobrevivência e, muitas vezes, pela da família (p.30).

Cabe refletirmos sobre estas afirmações. Algumas das características de ser adolescente estariam no fato de não ter responsabilidades, não trabalhar e não se sustentar. A adolescência está sendo caracterizada como excluída do trabalho e da responsabilidade pela provisão¹⁰. No entanto, em nossa pesquisa estaremos discutindo a vivência deste período no

⁷ Teoria desenvolvida pelo funcionalismo e que tem como principais autores: Parsons, Eisenstaldt e J. S. Coleman.

⁸ Cujo mais importante autor é Mannheim.

⁹ Daí advém muitas das pesquisas (e interpretações) sobre jovens punks, hip hop, estilos de moda e linguagem juvenis, entre outras.

¹⁰ Lembremos das discussões em torno da noção de infância, particularmente dos *três p* discutidos por Pinto e Sarmiento (1997) - proteção, provisão e participação.

meio rural, na especificidade do MST. Este grupo não está excluído nem do mundo do trabalho, nem da provisão e é, ainda assim, adolescente.

A definição da adolescência parece-nos infinitamente mais complexa. Embora não nos detenhamos em delimitações etárias, acreditamos que as gerações vivenciam experiências coletivas em um mesmo contexto histórico-social-político-cultural que imprimem especificidades a elas. São exatamente estas especificidades que determinam os conceitos de adolescência e de juventude.

3 TECENDO CONSIDERAÇÕES PARA O DEBATE - FAZENDO O CAMINHO AO ANDAR

Para introduzir o debate, ressaltamos que a adolescência é um conceito construído socialmente, perpassado pela cultura, e que só faz sentido se apreendido em um contexto histórico-social determinado, sendo a apreensão deste no interior do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra um dos eixos de nosso estudo.

Nesta pesquisa, visamos estudar a adolescência, na especificidade do MST, enfocando as dimensões da afetividade e da militância. Algumas questões explicitam o rumo deste estudo: o que os adolescentes entendem por adolescência e como caracterizam este período? Como caracterizam o Movimento e sua vida no Movimento? Como vivenciam sua afetividade? Quais as implicações de seus valores enquanto militantes para sua vida afetiva? Em outras palavras, de que forma sua ideologia se traduz (ou não) na sua vida afetiva? Como esta tensão entre a vida militante e a vida afetiva é percebida por eles?

Percebemos que, no cotidiano dos adolescentes, estas identificações enquanto adolescente (e seu universo afetivo) e enquanto militante encontram-se imbricadas, remetendo-nos a uma identidade híbrida, intercultural por essência.

A perspectiva intercultural da educação reconhece o caráter multidimensional e complexo (Morin, 1985; 1996; Bateson, 1986) da interação entre sujeitos de identidades culturais diferentes e busca desenvolver concepções e estratégias educativas que favoreçam o enfrentamento dos conflitos, na direção de superação das estruturas sócio-culturais geradoras de discriminação, de exclusão ou de sujeição entre grupos sociais. Neste sentido, porém enfocando relações intra-grupais e não apenas inter-grupais, o referencial da interculturalidade permite analisarmos a tecitura de concepções e significados acerca dos adolescentes do MST, em sua multidimensionalidade.

De acordo com Gilberto Velho "fica cada vez mais presente a importância da dimensão interna, da subjetividade para construção de personagens singulares" (2001, p.17);

neste sentido, entendemos que este enfoque sobre a vivência da adolescência constitui-se como um tema fecundo de pesquisa.

Trabalhar esta temática, no entanto, impõe muitas reflexões sobre conceitos que apresentam diferentes abordagens e implicações como cultura, identidade, adolescência, reconhecimento, afetividade, militância e mediação, que estão sendo devidamente investigados no decorrer da pesquisa.

Segundo Cuche (1999), a identidade é resultante de um processo de identificação no interior de uma situação relacional: identidade/alteridade. Ela seria resultante de um processo de negociação entre auto-identificação e heter-identificação. Isto implica em buscarmos também a posição dos adultos frente à condição do adolescente.

Sobre o conceito de cultura, destacamos a contribuição de John Thompson ao apresentar o estudo dos fenômenos culturais como "o estudo do mundo sócio-histórico constituído como um campo de significados" (1990, p.165). Ao definir, em uma concepção estrutural de cultura, a análise cultural "como o estudo das formas simbólicas – isto é, ações, objetos e expressões significativas de vários tipos – em relação a contextos e processos historicamente específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas" (p.181), o autor nos possibilita mergulharmos nos sentidos e significados atribuídos à adolescência no interior do MST e encontrar nas formas simbólicas as possíveis características da especificidade deste peculiar período.

Segundo o autor, as formas simbólicas têm aspectos intencionais, convencionais, estruturais, referenciais e contextuais. Neste sentido, e com o objetivo que nos propusemos - de estudar a adolescência do MST - ao pesquisador cabe também desvendar e dar visibilidade às lógicas que permeiam estes aspectos.

Os adolescentes constituem um dos grupos sociais que mais sofre os processos vertiginosos de transformações e de hibridizações no mundo contemporâneo. Vivendo uma fase de profundas transformações subjetivas e psico-biológicas, este vive em contato com um mundo cultural diversificado em que coexistem conflitivamente referenciais múltiplos e em contínua mudança. No contexto do MST, os adolescentes estão em contato com esta diversidade cultural, seja pela própria diversificação de origem das famílias que vieram a integrar este assentamento, seja através do intenso contato com regiões vizinhas, com o meio urbano, com estudantes, com visitantes do país e do exterior, com simpatizantes do MST ou integrantes de outros movimentos sociais. Por outro lado, o MST apresenta-se socialmente como um grupo homogêneo, unido a partir das lutas pela terra e na busca por construir uma nova sociedade, *um outro mundo possível*. Nos interessa investigar o que estes adolescentes

entendem por um “outro mundo possível” e como o constroem em suas relações cotidianas. Em que medida, por um lado, a grande homogeneidade do grupo em torno da militância política e, por outro lado, o intenso contato com outras experiências culturais, interfere nas relações afetivas dos adolescentes.

Durante o contato que tive com este assentamento, observei que a militância política apresenta-se como um elemento que se sobrepõem ao conjunto das relações sociais. Me interessa investigar em que medida questões mais gerais relativas à ideologia do MST e luta pela terra interferem na sociabilidade entre jovens, especificamente nas relações afetivas, amorosas e na sexualidade. Estes aspectos pareciam não estar presentes na vida dos jovens com os quais tive contato. A vida sexual e afetiva parecia seguir um curso de invisibilidade naquela coletividade, remetendo-nos a questionamentos. Em que medida esta sexualidade e afetividade são subsumidas na luta mais geral do MST? Quais as interferências desta ideologia nas relações de gênero, sexualidade e vida reprodutiva dos jovens? Quais os espaços públicos para discussão da sexualidade? Das relações de gênero? Quais aspectos caracterizam a sociabilidade entre os jovens, enfocando-se a dimensão afetivo-sexual?

Um momento marcante do período em que fiquei no assentamento aconteceu no desenvolvimento de uma dinâmica de grupo sobre os desejos/sonhos dos adolescentes da Escola Agrícola 25 de Maio, quando um aluno, filho de uma liderança do Movimento disse, com brilho nos olhos, que seu maior sonho era ter um carro importado. Ao ser solicitado a escrever/explicitar como pensava concretizar seu sonho, baixou a cabeça, olhou pensativo o papel em branco e escreveu: *meu sonho é ter uma família digna*. Acredito ser possível localizar neste episódio – no confronto entre sonhos, fantasias, desejos, vontade e dura realidade - a origem desta pesquisa ou o estranhamento que mobilizou o processo de pesquisar.

Inicialmente, este fato era compreendido como um conflito entre a identidade coletiva de ser Sem Terra e a identidade individual enquanto adolescente, onde a identidade individual era subsumida pela identidade coletiva. Um olhar mais apurado levou à compreensão de que não se tratava de duas identidades em conflito, mas de diferentes dimensões de uma mesma identidade complexa e multidimensional.

A inquietação continuava e, ao lançar um olhar de constante questionamento sobre a condição da adolescência no MST, acumularam-se uma série de outros fatos e fatores que levaram a questionar a pouca visibilidade da adolescência em suas especificidades intergeracionais. A ênfase dada à dimensão política parece tornar o jovem visível somente na condição de militante.

Explicitamos que esta investigação será desenvolvida em Fraiburgo/SC, em região de cinco assentamentos do MST (Vitória da Conquista, Contestado, Rio Mansinho, Chico Mendes e União da Vitória), tendo como principal locus de pesquisa a Escola Agrícola 25 de Maio. Ressalto que a escolha pelo espaço desta escola como referência para a pesquisa deve-se ao fato deste se constituir como um espaço de socialização destes jovens, onde estes organizam suas intervenções políticas e formam seus grupos de pares, de amigos e amores. Este não é, certamente, o único espaço de socialização e vivência da adolescência e também não será o único espaço da pesquisa, mas é na escola que se encontram as melhores condições para perceber e discutir os conflitos, desafios e possibilidades da vivência da adolescência por agrupar num mesmo tempo-espaço um grande número de adolescentes mantendo diferentes tipos de relações.

É exatamente sobre estas relações que lançamos nosso olhar. Mas este será outro artigo...

Quando chegar na terra
Lembre que tem outros passos pra dar
Mire o olhar na frente
Porque atrás vem gente querendo lutar¹¹.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BATESON, Gregory. *Mente e Natureza*. A unidade necessária. [Mind and Nature: a necessary unity]. Trad. bras. Claudia Gerpe. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986 [1979]. (Trad. ital. 1984).
- BEZERRA NETO, Luiz. *Sem-Terra aprende e ensina: estudo sobre as práticas educativas do movimento dos trabalhadores rurais*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999 (Coleção Polêmicas do nosso tempo;67).
- BOGO, Ademar. *O MST e a cultura*. São Paulo: MST/ANCA, 2000.
- CRAIDY, Carmem Maria. Adolescência dos meninos de rua. In: *Pátio*, Porto Alegre: Artes Médicas, ano 2, nº 8, 1999.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- CALDART, Roseli S. *Pedagogia do Movimento Sem terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis,RJ: Vozes, 2000.
- GROPPO, Luís A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- MORIN, Edgar. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa, 1996.

¹¹ Letra: Ademar Bogo; música: Quando chegar na terra. MST, CD *Arte em Movimento*, faixa 9.

_____. Le vie della complessità. In: BOCCHI G., CERUTI M. (a cura di). *La sfida della complessità*. Milano: Feltrinelli, 1985.

MST. *Arte em Movimento*. Manaus: Discgraf, 1998. Compact disc - CD, digital áudio.

THOMPSON, John. O conceito de cultura. In: *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1990.

VELHO, Gilberto. Biografia, trajetória e mediação. In: VELHO, Gilberto, KUSCHNIR, Karina (orgs.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.

DADOS DA AUTORA:

Rosângela Steffen Vieira, Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina - PPGE/CED/UFSC, sendo graduada em Pedagogia com Habilitação em Orientação Educacional e Séries Iniciais do Ensino Fundamental, pela mesma instituição.

Em sua trajetória acadêmica tem participado e apresentado trabalhos em seminários e congressos nacionais e internacionais, publicando artigos completos e resumos nestes eventos, bem como um capítulo de livro e relatório de pesquisa.

Atua no Núcleo de Pesquisa *MOVER - Educação Intercultural e Movimentos Sociais* (CED/UFSC), desde fevereiro de 1999. O Núcleo compõe-se de pesquisadores doutores, mestres, pós-graduandos e graduandos, que estudam e desenvolvem a educação intercultural no sul do Brasil, dialogando com pesquisadores nacionais e com diferentes setores dos movimentos sociais.

No ano de 1999 inicia sua atuação junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), desenvolvendo estágios do curso de pedagogia e pesquisa de Iniciação Científica em escolas do Movimento, apresentando trabalhos acadêmicos sobre o tema, participando de seminários organizados pelo MST e realizando atividades como apoio em manifestações, acampamentos, campanhas e articulando a visita de outros estudantes/pesquisadores para a região de assentamentos de Fraiburgo/SC.

Endereço residencial: Rua Arno Schuck, 152 - Bairro Vicentina, São Leopoldo/RS. - CEP 93025-410 - Telefone: (51) 5929528

E-mail: ro.steffen@terra.com.br

Endereço profissional:

Universidade Federal de Santa Catarina.

Centro de Ciências da Educação - Núcleo Mover.

Campus Universitário Trindade, Cidade Universitária - CEP 88010970 - Florianópolis, SC - Brasil

Telefone: (48) 3318702 E-mail: mover@ced.ufsc.br

Homepage: <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/mover>